

**REINTERPRETANDO A CIDADANIA:
“SABE COM QUEM ESTÁ FALANDO”¹⁵³ X *LUCÍOLA*¹⁵⁴
– UMA REFLEXÃO SOBRE A FORMAÇÃO DA NAÇÃO
E IDENTIDADE BRASILEIRA**

André Luís Gomes (CEJLL/UFF)

andreluisgomes23@gmail.com

Elisabeth Henrique César (CEJLL)

beth.hc@oi.com.br

RESUMO

Esta pesquisa consiste em apresentar uma experiência de ensino médio integrado, entre as disciplinas de literatura e sociologia, em uma escola pública do Rio de Janeiro, com base nas reflexões dos educandos sobre o capítulo IV “Sabe com que está falando?” da obra *Carnavais, Malandros e Heróis* de Roberto da Matta e o romance *Lucíola* de José de Alencar. O nosso olhar se voltou para a construção da nação e identidade brasileira no Romantismo e as relações de poder entre diversos grupos sociais nos ritos da pós-modernidade. O trabalho foi realizado em uma escola tecnológica da rede estadual do Rio de Janeiro, Colégio Estadual José Leite Lopes – NAVE (Núcleo Avançado em Educação). Esta instituição oferece um ensino médio integral e integrado à educação profissional, resultante da parceria entre a Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro com o Instituto OI Futuro. Nesta escola, privilegiamos o ensino que se constrói através das integrações entre as diversas áreas do conhecimento, de modo a desenvolvermos o pensamento crítico e reflexivo em sala de aula. Buscamos a compreensão de que cada matéria perpassa a interpretação de um mundo onde os saberes se interpenetram e se complementam. Nesse mundo, em que o fluxo de informações é intenso e em permanente mudança, a nova era oferece múltiplas possibilidades de construção de conhecimento. Sendo assim, e nos desviando de uma tradição de ensino estanque e engessado pela segregação dos currículos, nosso trabalho mostra uma tentativa de pensarmos juntos (educadores e educandos) a sociedade a que pertencemos, estabelecendo relações entre dois campos do saber, visando à formação de um sujeito protagonista, agente da sua história.

Palavras-chave: Integração. Tecnologia. Nação. Identidade.

1. Introdução

Em meio ao contexto educacional que nos encontramos, a prática interdisciplinar se mostra como um instrumento fundamental para dar ao processo de ensino-aprendizagem o caráter articulado que questões com-

¹⁵³ Quarto capítulo da obra de Roberto da Matta: *Carnavais, Malandros e Heróis*.

¹⁵⁴ Romance de José de Alencar.

plexas necessitam para sua devida compreensão.

O encontro de saberes e a vontade de troca norteiam este trabalho, demonstrando o esforço dos educadores dessa escola em integrar áreas afins, para que os educandos percebam que as matérias se inter-relacionam, isto é, que os conhecimentos não se separam na prática, na realidade. Para tanto, educadores e educandos fazem uso da tecnologia¹⁵⁵ para trocas de saberes, tornado mais rica a experiência do aprendizado.

Com a internet e a tecnologia da informação, o educador não é mais o guardião do saber; ele conduz e propõe a construção de conhecimento. Educadores e educandos não ficam mais presos à sala de aula. O aprendizado vai além das paredes da escola. O espaço da cibercultura origina novas possibilidades de comunicação e interação, o que propicia novas formas de apreender, ensinar e produzir conhecimento. Abre-se um maior espaço para que essa geração digital desenvolva a aprendizagem colaborativa, possibilitando ao educando participar ativamente como cidadão em nossa sociedade.

Como pensar então em um educando que seja capaz de fazer uma releitura da realidade, utilizando o seu olhar, a sua experiência com o mundo e os conteúdos apresentados na escola? Desta forma, pensamos em unir duas disciplinas, a sociologia e a literatura, que trabalham textos de modo a provocar a reflexão dos alunos e ao mesmo tempo gerar o exercício da construção do discurso, analisando aspectos da realidade.

Neste caso, procuramos no que diz respeito às teorias da educação, nos orientar através das reflexões de Paulo Freire (2013), expondo dois tipos de pedagogia: a pedagogia dos dominantes, em que a educação existe como prática de dominação e é fundamentada em uma concepção bancária da educação, ou seja, o educador deposita “comunicados” que os educandos recebem, memorizam e repetem e na qual não estamos interessados e a pedagogia do oprimido, em que a educação surgiria como prática da liberdade. Não é suficiente que o oprimido tenha consciência crítica da opressão, mas é necessário que ele se disponha a transformar essa realidade; trata-se de um trabalho de conscientização e politização, que tem como finalidade desconstruir a passividade do educando e torná-lo ser ativo – participante no processo de construção do conhecimento.

¹⁵⁵ A tecnologia na escola traz um diferencial no processo de ensino e aprendizagem, o educando tem vários ambientes em que pode se conectar à internet, que pode ser um aliado nas suas pesquisas para elaboração dos seus trabalhos, sempre direcionados pelo educador.

Privilegiamos durante as aulas esse tipo de prática libertadora e, acompanhamos também Demerval Saviani (1986), que trata da questão da escola democrática, aberta às diferenças e às novas relações sociais, pois deste modo ajudariam na construção de um novo modelo de sociedade.

Importante também trazer um pouco da fala da Lajolo (2006) ao dizer que a literatura é a mais interdisciplinar das matérias, já que conversa com todas as disciplinas e destaca sobretudo a importância em exercitar a imaginação dos educandos e em integrá-lo na sociedade.

É a literatura, como linguagem e como instituição, que se confiam os diferentes imaginários, as diferentes sensibilidades, valores e comportamentos através dos quais uma sociedade expressa e discute, simbolicamente, seus impasses, seus desejos, suas utopias. Por isso a literatura é importante no currículo escolar: o cidadão, para exercer plenamente sua cidadania, precisa se aposar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornar-se usuário competente[...] (LAJOLO, p. 106)

Candido (1996) afirma que: “Nas nossas sociedades, a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e efetivo”. Tais considerações deixam claro que a escola precisa da literatura para a formação dos sujeitos. O autor recria a realidade e o leitor reconstrói o que lê.

Pensar a educação no Brasil é de certo modo associá-la à construção da cidadania nesta sociedade. Temos, na verdade, na nossa história, um retrato da educação atrelado às grandes elites. Neste sentido, vivemos em um país onde a escravidão tomava cerca de boa parte da população e, de fato, poucos eram aqueles, descendentes de portugueses que, recém chegados nessas novas terras, tinham o privilégio de herdarem conhecimentos vindos de fora, especificamente de Coimbra, Portugal. Assim, no Brasil, o conhecimento acadêmico e intelectual é algo de destaque e posição social. Poucos foram aqueles que faziam parte da classe de indivíduos refinados e sofisticados, conforme informa Ricupero (2004) que na época do Romantismo havia um grande número da parcela da população analfabetos no Brasil, Argentina e Chile:

O principal problema que os escritores dos três países enfrentam é o mesmo: ausência de leitores. Sinal dessa complicada situação é que, num período posterior ao que examinaremos, por volta de 1870, 84,25% da população no Brasil é de analfabetos [...] (*O Romantismo e a Ideia de Nação no Brasil* (1830-1870), p. XXVI).

No Romantismo, segundo Ricupero (2004), tínhamos a divisão do pensamento político, com relação à escravidão, entre dois grupos: a elite

ruralista e imperial e os intelectuais. O primeiro grupo queria manter a escravidão por interesses econômicos e o segundo, a liberdade numa consolidação de nação.

A abolição da escravidão no Brasil não mudou o cenário no que diz respeito à educação. Não houve nenhuma política de inserção dos grupos outrora excluídos, isto é, os ex-escravos. Estes foram deixados à margem da sociedade sem acesso a qualquer tipo de conhecimento instituído pela sociedade vigente. O mesmo pode ser dito dos não negros nem ex-escravos, mas brancos pobres. Não houve de fato uma construção de projetos de educação que levasse essa grande massa de desvalidos aos bancos escolares.

Deste modo, tivemos uma educação extremamente restrita a alguns grupos, de trajetórias já preestabelecidas dentro da sociedade. Roberto da Matta (1997) os identifica como pessoas, isto é, aqueles que estão “acima ou distantes das leis”, diferentes daqueles que o autor vai chamar de indivíduos, neste caso, brancos pobres, negros, indígenas. Estes, totalmente à mercê das leis dentro da realidade marcada pela desigualdade secular que atravessou os tempos. Essa mistura social marcou a construção da nação brasileira. Dentro desse contexto histórico, o Romantismo procurou criar a identidade nacional brasileira.

Mas de 150 anos depois da publicação das primeiras obras românticas brasileiras, quase ninguém mais questiona a unidade do país, o índio continua a ser utilizado como símbolo nacional [...] Evita-se mencionar a realidade social, destas questões, em particular, a presença avassaladora da escravidão no país. (RICUPERO, 2004, p. 262).

Mas, Da Matta, persegue a ideia de Sérgio Buarque de Holanda, para quem a mistura de raças era um modo de esconder as injustiças sociais contra o negro, o índio e o mulato e a ideia de democracia racial não passava de um mito, revelando os brasileiros e sua cultura através de suas festas populares, que não ocorrem uma estrutura de classes bem definidas.

[...] No polo informal estariam as situações como “festas” e, no polo da formalidade, as situações marcadas como “solenidades”, termo mais adequado, talvez, para designar as reuniões em que se exige um mínimo de divisão interna [...] Dessa forma, enquanto os eventos informais se fundam na ideia de espontaneidade, na despersonalização ou descentralizações e na quarentena da hierarquia [...] (DA MATTA, 1997, p. 48)

José de Alencar em *Lucíola* também expõe a igualdade das classes na festa da Glória. Durante essa festa, a sociedade se “esquece” das hierarquias, conforme Da Matta discorre em sua obra. Podemos verificar

tal fato no fragmento abaixo, que descreve a primeira vez em que Paulo conhece Lucíola, no rito em que todas as classes compartilham do mesmo acontecimento.

Poucos dias depois da minha chegada, um amigo e companheiro de infância, o Dr. Sá, levou-me à festa da Glória; uma das poucas festas populares da corte e grande romaria desfilando pela Rua da Lapa e ao longo do cais, [...] a multidão do povo. Conforme o costume, a Era a ave-maria quando chegamos ao adro; perdida a esperança de romper a mole de gente que murava cada uma das portas da igreja, [...] Para um provinciano recém-chegado à corte, que melhor festa do que ver passar-lhe pelos olhos, à doce luz da tarde, *uma parte da população desta grande cidade, com os seus vários matizes e infinitas graduações? Todas as raças, desde o caucasiano sem mescla até o africano puro; todas as posições, desde as ilustrações da política, da fortuna ou do talento, até o proletário humilde e desconhecido; todas as profissões, desde o banqueiro até o mendigo; finalmente, todos os tipos grotescos da sociedade brasileira [...]*

– É uma festa filosófica essa festa da Glória! Aprendi mais naquela meia hora de observação do que nos cinco anos que acabava de desperdiçar em Olinda com uma prodigalidade verdadeiramente brasileira. (ALENCAR, 1994, p. 3, grifo nosso)

Em *Lucíola* encontramos delineada essa hierarquia que Da Matta expõe em *Sabe com quem está falando?* A personagem principal, Lúcia, cortesã de luxo, detinha prestígio no meio social, ao frequentar a casa de poderosos, mostrando-se uma personagem com atitude e detentora de bens, em uma sociedade que lutava para deixar de ser escravista, mas que demarcava bem o lugar do negro, como subalterno da elite e da burguesia em ascensão. A indumentária e as posses de Lúcia permitiam que ela fosse aceita pela corte, transitando pelos salões e recebendo atenções. Esse fato demonstra como a sociedade agia pelas aparências e por interesse. Alencar em “Lucíola” ressalta uma identidade nacional da sociedade carioca em transformação.

– É o seu engano, continuou o Cunha que estava de veia. A Lúcia não admite que ninguém adquira direitos sobre ela. Façam-lhe as propostas mais brilhantes: sua casa é sua e somente sua; ela o recebe, sempre como hóspede; como dono, nunca. [...] (ALENCAR, 1994, p. 29).

É bom lembrarmos que no Brasil, o Romantismo inseriu-se no período histórico do segundo reinado, marcado por mudanças extremas, principalmente, no plano social. Alencar, que já era um escritor de prestígio, com funções político-administrativas e atividades na imprensa, reconheceu, em *Lucíola*, os padrões de conduta e os valores da sociedade brasileira.

O estilo inovador do Romantismo começa, didaticamente, em 1836, alguns anos após a independência do país. Nesse momento, os escritores preocuparam-se em construir uma literatura nacional, distinguindo Brasil de Portugal e privilegiando nossas origens. Foi um momento em que se pensou na identidade do Brasil e na independência literária.

Portanto, nessa pesquisa, após apresentação das leituras da época romântica aos educandos, pretendíamos que estes fizessem uma ponte entre os discursos de Alencar e de Da Matta, pensando a formação da nação e identidade do povo brasileiro, apesar dos quase cento e vinte anos que separam as publicações dessas obras. Percebemos que o prestígio e a preocupação com uma posição na hierarquia social continuam a existir, ratificando o abismo entre as etnias brasileiras, principalmente na educação. Sendo assim, uma das consequências é a dificuldade de se estabelecer hoje uma escola cidadã, pois sabemos que a educação possui papel de destaque na transformação do cidadão para a obtenção da igualdade social.

Nessa perspectiva, a discussão sobre esse aspecto do Romantismo tomou vulto a partir do avanço da leitura de textos literários da primeira geração, em que os educandos perceberam o caráter idealizado do índio e que muitos fatores relevantes, como as condições reais de vida dos indígenas, bem como o desaparecimento violento de vários grupos nativos, foram deixados de lado.

O Romantismo no Brasil elegeu o índio como representante de sua identidade nacional por diversos motivos, dentre eles, ser aquele que se enquadrava na teoria do bom selvagem de Rousseau, aquele que correspondia ao cavaleiro medieval europeu e aquele que assumia papel de destaque na formação do povo brasileiro, deixando de lado o negro, que continuava a ser escravo para servir aos imperialistas e ruralistas.

No caminho das aulas, a leitura do romance urbano *Lucíola*, de José de Alencar revelou uma outra realidade nacional, deflagrando relações elitistas e preconceituosas de uma sociedade que nada se parecia com a figura do índio idealizado, escolhido para representar a identidade brasileira.

Sendo assim, as discussões em torno das ideias e conceitos sobre as relações sociais e o período literário denominado Romantismo tornaram-se fundamentais para a tentativa de pensarmos juntos a literatura e a sociedade. Essas reflexões nos levaram a cotejar algumas práticas socioeconômicas da época romântica com alguns aspectos da sociedade do século XIX, e sua relação de poder existente aquela sociedade, buscando,

assim como os românticos, pensar sobre nossa a formação da nação brasileira nacional, isto é, quem somos nós brasileiros e como nos transformamos ao longo da história? Para tanto, a obra de Bernardo Ricupero (2004) intitulada *O Romantismo e a Ideia de Nação Brasileira (1830-1870)* nos mostra que Romantismo e ideia de nação caminham lado a lado.

Na leitura dos textos, mais do que o conhecimento linguístico, procuramos perceber se o educando é capaz de reconhecer os implícitos, de fazer inferências, de perceber as intenções do dito e do não dito, do pressuposto e o subentendido e para essa análise, ligando um texto ao outro. Para tanto, usaremos Oswald Ducrot na sua obra *O Dizer e o Dito*.

Temos, ainda, como objetivo verificar se o aluno constrói a partir de aspectos discursivos presentes nos textos analisados a ligação entre o texto literário lido e a sociedade na qual está inserido. Conforme Maingueneau (2004), “compreender um enunciado não é somente referir-se a uma gramática e a um dicionário, é mobilizar saberes muito diversos, fazer hipóteses, raciocinar, construindo um contexto que não é um dado preestabelecido e estável”.

2. Metodologia

2.1. Exposição geral da metodologia adotada pelos educadores

As aulas que serviram de base para esse artigo, ocorreram desde o início deste ano letivo de 2015, na turma 2004, da 2ª série do ensino médio, que cursa o ensino técnico em roteiro. Sabemos que em literatura, o currículo da 2ª série se inicia com o estilo de época chamado Romantismo.

Durante as aulas de literatura os educandos refletiram sobre como se organizava a sociedade daquela época e sobre a complexidade de se buscar um elemento que servisse como símbolo, como representante da nossa nação.

Nessa medida, surgiu, portanto, a necessidade de realizamos uma integração com a disciplina sociologia, para que tivéssemos o acompanhamento de olhares diferentes sobre o assunto que estávamos desenvolvendo. Os professores de literatura e sociologia selecionaram, então, para análise e discussão o texto “Sabe com quem está falando? Um ensaio sobre a distinção entre indivíduo e pessoa no Brasil”, retirado do capítulo IV, do livro *Carnavais, Malandros e Heróis*, do antropólogo Roberto Da Matta e a obra *Lucíola* de José de Alencar.

A partir desse ponto, as disciplinas de sociologia e literatura buscaram provocar os alunos a pensarem o contexto atual, baseado no conceito de cidadania, tendo como base as reflexões de Roberto Da Matta e o enredo do livro *Lucíola* de José de Alencar. Foi assim que organizamos uma aula na qual estivéssemos presentes os dois educadores: de literatura e de sociologia. Os educandos foram organizados em pequenos grupos dentro da sala de aula. Essa aula foi filmada pelo Departamento de Mídias da escola, para que pudéssemos consultá-la e estudá-la em outros momentos.

A proposta sugerida foi a leitura do texto de Da Matta, seguida de uma discussão em grupo. Depois realizamos a abertura de um debate com toda a turma. Esta estratégia de trabalho visou fazer com que os próprios educandos fossem autônomos nas suas reflexões, cabendo aos docentes manifestarem-se somente nos momentos em que de fato se fazia necessária a intervenção. Deste modo, seguimos as teorias de Clifford Geertz em *A Interpretação das Culturas* (1989), porque nosso intuito era de que os próprios educandos falassem por si mesmos, baseados nas explicações dadas para a realização da atividade. A proposta então não era falar por eles ou por “cima dos seus ombros”.

Depois dessa aula conjunta, o tema continuou a ser debatido nas aulas de literatura e de sociologia, gerando os textos escritos pelos educandos e analisados neste artigo.

2.2. Resumindo os passos da pesquisa

1º passo: Leitura da obra *Lucíola* pelos educandos.

2º passo: Análise e discussão com a professora de literatura em sala de aula, sobre o tema do objeto de estudo e as características do Romantismo.

3º passo: Aula integrada, para leitura e análise do IV Capítulo da obra de Da Matta, *Sabe com que está falando?* trazendo uma visão da hierarquização da sociedade na pós-modernidade e da identidade nacional, em que o autor revela o Brasil, os brasileiros e sua cultura através de suas festas populares, manifestações religiosas, literatura e arte, desfiles carnavalescos e paradas militares, leis e regras (quando respeitadas e quando desobedecidas), costumes e esportes.

4º passo: Discussão do tema de Da Matta e a interação com a obra

e Alencar aos olhos dos educandos, com a participação dos educadores. Os estudantes, em grupos, discutem o entendimento dos pontos de intersecção das obras.

5º passo: Os educandos em um trabalho direcionado, constroem dois textos, contendo a questão da Nação e identidade em transformação entre os dois tempos: pós independência x pós modernidade e a sociedade hierárquica em *Lucíola*.

3. Análise dos dados: resultados

A proposta neste primeiro momento foi de trazer algumas discussões escritas realizadas pelos educandos. Neste sentido, os textos a seguir foram organizados por grupos que sintetizaram suas reflexões, com base na exposição e debate de suas ideias junto com a turma durante a aula. O papel dos educadores constituiu-se em uma análise dessas sínteses, de acordo com as suas expectativas enquanto professores de literatura e sociologia. Deixamos claro para os educandos a necessidade de prestarem atenção na elaboração de seus discursos, realizando a conexão entre suas reflexões e a realidade. A ideia era fazer com que os educandos conseguissem ver sentido na integração das disciplinas e percebessem a necessidade de se enxergar em outras ciências diferentes olhares para a construção de conhecimentos.

3.1. Textos que apresentam uma releitura de Da Matta

3.1.1. Grupo 01-

Esther Oliveira, Isabelle Barçante, Juliana Muniz, Thays Oliveira

O “sabe com quem está falando?” é um costume encontrado na cultura brasileira. Ele tem por objetivos destacar um indivíduo do geral, com intuito de benefício próprio, tornando esse costume um ato de ameaça ao invés do uso da persuasão. Geralmente, é usado quando há uma ameaça ou algo que prejudique planos pessoais. É influenciado pela divisão hierárquica da sociedade brasileira (dividida por cargos de poder) onde alguém, para conseguir algo, se coloca no topo da sociedade, inferiorizando os demais. O “sabe com quem está falando?” pode ser considerado um tipo de preconceito, assim como o racismo, pois comete uma segregação.

Pode ser comparado ao antigo regime francês, no sentido de que divide a sociedade numa pirâmide de cargos de importância e classes sociais, tendo no topo os governantes, seguidos pelos que possuem poder econômico, até chegar ao povo de classe mais baixa. No Brasil esta situação pode ser exemplificada através do juiz que dirigia alcoolizado e ao ser detido por um policial, não aceitou que realizassem a apreensão do seu carro. Essa atitude revela mais um caso de abuso de poder.

Comentários

O grupo foi capaz de refletir e criar conexões com fatos que ultrapassavam a realidade brasileira, mesmo quando Da Matta insiste em refletir diretamente sobre a realidade do Brasil. Entretanto, o fato local ajudou na construção de uma conexão mais ampla sobre o problema, extrapolando o elemento propriamente linguístico, acionando o *script* (conjunto de conhecimentos sobre os modos altamente estereotipados em dada cultura, inclusive em termos de linguagem) do “jeitinho brasileiro” encarnado pelo juiz. Nos dois exemplos, o grupo utilizou seu conhecimento de mundo para enriquecer o texto com outras informações. As associações continuam, desta vez, através da seleção lexical de termos como “segregação”, incorporando questões sociais raciais ao discurso do “Sabe com que está falando?” de Roberto da Matta. Isso nos faz pensar que o grupo foi capaz de se basear na leitura do texto para interpretar realidades externas ao texto, com fatos que, de algum modo, foram capazes de chamar a atenção dos educandos.

O grupo no primeiro parágrafo faz uso da palavra “persuasão” que seria de convencimento, demonstrando a contradição com o parágrafo seguinte, ficando o convencimento = ameaça. Entretanto, os educandos fizeram uma alusão à Revolução Francesa que foi o fato histórico precursor do Romantismo na Europa, o que foi relevante sobre o entendimento do sentido de que a população francesa estava descontente com aquele regime. O lema da revolução era igualdade, fraternidade e liberdade.

O texto se mostra fragmentado na coerência, no entanto, percebe-se uma tentativa de entendimento com o texto de Da Matta.

3.1.2. Grupo 02- Gabriel Pinheiro, Leonardo Lima, Rafael Ferribinate, Vitor Hugo Macedo

É compreensível que como qualquer animal, nós, serem humanos, temos um instinto constantemente presente em nossas vidas cotidianas. O livro de Roberto Da Matta, *Carnavais, Malandros e Heróis*, mais especificamente no capítulo quatro, em que aborda a típica frase, “sabe com quem está falando?” o autor realiza analogias meramente instintivas. Sendo assim, ver o ato que ele julga brasileiro, presente na vida selvagem, do mesmo jeito que um juiz tenta tirar vantagem de um policial ao ser pego em uma “carteirada”, um leão tenta tirar vantagem, bebendo água dos hipopótamos, mesmo que seja fisicamente mais fraco, o “sabe com quem está falando?” coloca o perguntado de frente para o desconhecido, causando excitação do mesmo. É apenas mais uma das várias formas que usamos para intimidar o inimigo, algo completamente animal e não exclusivamente brasileiro como da Matta disse. Nós acreditamos que usar o “sabe com quem está falando?” não necessariamente a pessoa tem um *status* maior, a gente acha que vai muito mais do *ego* da pessoa e não seu *status* social. Assim como John Locke disse em seu livro, “ensaio acerca do entendimento humano”, nós humanos nascemos sem conhecimentos, em branco, caras como nossas atitudes e ações, fazendo ao longo da vida, assim como na construção do *ego* que é o responsável pelo “sabe com quem está falando”.

Comentários

Durante décadas a sociedade brasileira foi, culturalmente capaz de naturalizar os problemas sociais que aconteciam ao seu redor. Quando não, como faz o grupo em seu texto, incorporam a prática à vida cotidiana, levando em consideração ações marcadas pela natureza humana e não pelas relações sociais. Neste sentido o que fica claro é que o discurso do senso comum permeia esta reflexão. Desta forma, faz com que certos comportamentos, mesmo não muito bem aceitos, sejam relevados devido à existência instintiva humana, que parece estar além das relações racionalmente construídas. Qual seria a incoerência na reflexão? O discurso neste caso está incorreto? As conexões realizadas não podem ser feitas? Neste caso, a disciplina de sociologia vai precisar retornar a discussão das diferenças entre sociedades humanas e de outros animais para deixar claro a complexidade das relações dentro desse grupo.

Mais uma vez um grupo recorreu ao conhecimento de mundo para realizar suas comparações, inclusive trazendo a citação de um filósofo para marcar a autoridade de sua conclusão. Entretanto, percebemos que faltou uma melhor organização textual, tornando as conexões que se pretendiam fazer um pouco confusas. Parece que a escolha da situação comparativa entre o juiz e o leão necessitava de uma explicação melhor em relação a todo o trecho no qual esse enunciado está inserido. O caso do leão e dos hipopótamos não fica devidamente explicado, pois ao lermos “coloca o perguntado de frente ao desconhecido” e a consequência disso, não conseguimos recuperar o sentido. Outro problema do texto é a mistura de registros, principalmente, na mesma frase. Vemos o sintagma “nós acreditamos” seguido do sintagma “a gente acha”, que não se adequa ao gênero em questão.

3.1.3. Grupo 03- Vitória Kurkdjan, Vitor Hugo Liporage, Talles Bonifácio, João Pedro Ramos, Rafael Lopes

O trecho do livro lido em aula “sabe com quem está falando?” introduz uma teoria e uma expressão, no contexto do seu uso e na procura de se desvendar o que está por trás dele.

Inicialmente, a exploração da frase é dada através da comparação com outros rituais presentes na sociedade brasileira, como carnaval, a semana da pátria e as procissões religiosas da igreja católica Romana. Esses eventos são mostrados com orgulho por estarem inclusos na tradição do país.

Quanto ao “sabe com quem está falando?” esse rito é ocultado, pois pode ser visto como uma maneira depreciativa de agir, levando em conta sua conotação rude e indelicada. Ou seja, no subconsciente, quem age dessa forma sabe que está errado, mas utiliza desse artifício como último recurso para conseguir o que quer, ou até mesmo fugir de um problema. Além disso, revela uma hierarquização da sociedade.

O indivíduo que faz uso do “sabe com quem está falando?”, presume, inconscientemente, que sua posição social é de maior valor do que com que se fala ou vice-versa.

Comentários

Falar do problema para este grupo, apesar de tê-lo feito em poucas palavras, não parece ter sido tarefa árdua. O foco central foi abordado. A questão da cidadania, mesmo não citada, está implícita na discussão sobre a ação exercida pelo indivíduo em sociedade. O carnaval aparece como ilustração, um recurso exemplificativo, tal qual feito por Da Matta quando retrata a sociedade brasileira para falar de mitos que permeiam de sentido a realidade. Entendemos então que a proposta do autor ficou clara para esse grupo através do discurso utilizado, mesmo considerando as limitações de sua análise. O grupo reconhece textualmente que se há de buscar sentidos ocultos para o rito do “sabe com quem está falando?”. No entanto, fica o questionamento: Por que foi tão tranquilo para este grupo entender a proposta de discussão do autor? Será que a clareza de seu texto facilitou pensarmos que as ideias de Da Matta foram bem compreendidas? Ou será que foi a dinâmica proposta pelos educadores que auxiliou na compreensão? Ou então, será que a realidade brasileira, sob o olhar desses educandos, tão novos, ainda apresenta traços fortíssimos da discussão sobre indivíduo e pessoa no Brasil? Deixemos para pensarmos melhor sobre isso nos resultados do trabalho. Por hora fiquemos com esses questionamentos.

O grupo traz um texto fragmentado e repetitivo, mas mantém a coerência na sua construção de suas ideias. Segundo Libâneo e Santos (2010) [...] *a tomada de consciência por parte dos alunos de suas estruturas conceituais é o primeiro passo para a superação e a reconstrução conceitual* [...] Na passagem da disciplinaridade para a transdisciplinaridade, os que não conseguem alcançar, consideram alguns conceitos resignificados no plano local (*a fragmentação de determinado conceitos para determinadas situações.*) *Por não conhecer tais conceitos gerais não conseguem se superar para outro plano de princípios norteadores.*

3.1.4. Grupo 4- Dayana Moura, Lucas Laudadio, Vanessa Santos, e Sara Ledo

Ao discutirmos sobre o que é sociedade brasileira, rapidamente nos remetemos a famosa fala do brasileiro: “sabe com quem está falando?”

Nós usamos automaticamente esta frase quando nos sentimos ameaçados por alguém que julgamos ser inferior, é como se fosse um mecanismo de defesa nosso, onde recorremos a ele buscando mostrar

nosso “poder” que nos faz julgar superior.

No livro *Carnavais, Malandros e Heróis*, Roberto da Matta cita que nós somos seres “projetados” para obedecer essas hierarquias nas quais somos submetidos, pois assim haverá paz em meio a sociedade, contudo muitas vezes, se há atitudes que buscam quebrar esta hierarquia, gerando com isso o caos.

O problema do caos na sociedade brasileira, é de que somos uma nação acostumada a evitar conflitos, e nesses momentos surge o “jeitinho brasileiro” através do “sabe com quem está falando?” para interromper o reinado do caos.

Apesar de sabermos que esta é uma frase super preconceituosa e não nos orgulhamos dela, ela está impregnada em nós. “Esta amalgamada com nossa carne e ossos”.

Vivemos em uma sociedade que se diz democrática, todavia, não adianta apenas termos isto escrito e não praticarmos. Se queremos grandes mudanças é necessário que o passo inicial seja dado por nós nas “pequenas” atitudes do cotidiano.

Comentários

O grupo 04 se aprofunda mais nas questões do autor, faz uma análise mais minuciosa sobre a problemática do “sabe com quem está falando?”, trazendo questões como o “caos” na sociedade, o problema do brasileiro que a qualquer custo quer evitar o conflito, a questão das hierarquias, que são o carro chefe nas relações sociais brasileiras quando falamos em posições sociais e distinções entre grupos e indivíduos. Parece também que o grupo se incomoda com a questão da amalgama e que o problema está na nossa carne” nos nossos “ossos”. O grupo utiliza o recuso de trazer o discurso direto de Da Matta e o fato do grupo explicitar tal citação demonstra de certo modo uma forma de destacar e compreender a gravidade do problema. Este pode ser um diferencial da análise do grupo, quando se propõe a discutir o texto de Da Matta.

Grupo 05- Mayara, Gabriel Góes, João Antônio, Julia Marcia, Tobias, Camila, Yan, Pedro

“Sabe com quem está falando?” é um fenômeno cultural contrário

ao jeitinho brasileiro, por isso não é estampado para as crianças e estrangeiros. O uso dessa expressão é evidente preconceituoso e indesejado, apesar de ser considerado parte da realidade da vida.

O povo brasileiro encara crises e conflitos como inadmissíveis e por esse motivo o “sabe com quem está falando?” causa grande embaraço. É a descoberta de uma hierarquização social.

Roberto da Matta acredita que a expressão pode ser usada quando uma pessoa sentir sua autoridade ameaçada, desejar impor seu poder. Isso mostra que a expressão é usada para a pessoa se autopromover.

Comentários

O grupo 05 procura, a seu modo, entender a questão do autor. Diferentemente do grupo anterior, não trabalham com profundidade o problema, entretanto, trazem aquilo que lhes chamam mais a atenção, como o problema do “sabe com quem está falando?” não ser apresentado para crianças e estrangeiros, por exemplo. O grupo ao apresentar diretamente esses personagens para explicitar sua reflexão parece demonstrar o quão obscuras e ocultas são as relações entre os indivíduos dentro da sociedade brasileira a ponto de determinados grupos (crianças e estrangeiros) serem capazes de ficar alheios a toda trama social, sendo somente em alguns momentos, digamos aqueles em que o conflito é eminente, lhes são revelados essa artimanha marcada pelas relações sociais.

3.1.5. Grupo 6- Brendo, Julian, Sarah, Matheus Reis, Isadora, Fernanda, Gabriela

A partir dos rituais normais da vida social no Brasil que definimos uma cultura. Roberto da Matta em *Carnavais Malandros e Heróis*, considera o “sabe com quem está falando?” “Um ritual. Diante de suas reflexões, concluímos que este ritual colabora com a definição da cultura, para compreensão do funcionamento da nossa sociedade.

Essa engenhosa frase utilizada de forma equivocada (diante da falta de cordialidade), gera uma crise que revela outra realidade da vida. Ressaltamos que o “sabe com quem está falando?” é um aspecto nacional autônomo, não tendo nenhuma relação com o “jeitinho brasileiro” ou com qualquer outra forma de malandragem.

Os resultados diante do uso desta expressão, se relacionam diretamente com a desigualdade social. Tendo consciência de que utilizamos essa tradição de forma negativa, não nos importamos em compartilhar tal frase (tradição) com estrangeiros ou cidadãos não formados.

A crise não admitida por nós expressa um reflexo ritualizado, em que no final, tudo se iguala ao conflito e à crise outra vez. “Sabe com quem está falando?” não é termo popular e até hoje não virou letra de samba.

Comentários

A sofisticação no processo de refletir sobre o autor e a habilidade da escrita, demonstram uma interpretação particular do grupo. Podemos dizer que seria a sua marca registrada nesta atividade. O grupo, ao mesmo tempo que traz a reflexão do autor, expõe seu ponto de vista quando adjetiva em “equivocada” a afirmação do “sabe com quem está falando?”. Notamos nesse trecho, uma reflexão própria, particular quando o grupo se refere à falta de cordialidade, que leva ao uso da frase citada por Da Matta. Passam, desse modo, um entendimento sobre o que ocorre nas relações sociais brasileiras, quando os indivíduos, inevitavelmente, são postos em situações de conflito. Estabelecem comparações com o “jeitinho brasileiro”, conseguem distinguir, como alguns dos outros grupos fizeram a diferença entre os termos. Finalizando, trazem a questão da desigualdade social como um agravante ao reconhecerem o uso recorrente do “sabe com quem está falando” dentro da sociedade.

A partir de toda essa discussão sobre a cidadania, os educandos puderam individualmente através de sua percepção particular de um texto literário, relacionar o ponto de vista de Roberto Da Matta e o deles em relação à cidadania e ao livro *Lucíola* de José de Alencar, que foi eleito em nossa proposta de leitura bimestral. Seguem alguns comentários, somente para exemplificação e melhor compreensão da realização dessa comparação.

Textos que mostram a integração das duas obras

a) Aluno: Rafael Zeribinate Felix

É visível na obra de José de Alencar as noções sociológicas descritas no texto “Sabe com quem está falando?” de Roberto Da Matta,

pois logo no início, vemos Paulo chegar no Rio de Janeiro e ver Lúcia. Ao demonstrar interesse, seu amigo Sá diz que “não é uma senhora, Paulo! É uma mulher bonita”, mostrando Lúcia como cortesã, já diminuindo Lúcia socialmente. Da Matta fala sobre essas pessoas que são inferiorizadas e sobre o preconceito, pois no livro fica claro que pessoas como as cortesãs, quando são vistas em público, são alvo de preconceito, sofrendo uma diminuição social. Algumas pessoas se sentem no direito de usar o “sabe com quem está falando?” com Lúcia. Na página 15 do livro, Paulo, o narrador, diz assim: “Feita a apresentação no tom desdenhoso e altivo com que um moço distinto se dirige a essas sultanas do ouro (...)”. Também vemos o preconceito com o negro na obra, porque ele quase não aparece e nem tem falas. Quando aparece, é como escravo.

b) Aluna: Juliana Muniz

Até o ponto que li, o enredo de *Lucíola* se relaciona com o texto “Sabe com quem está falando?” no ponto segregacionista da sociedade. Em algumas partes do livro, ocorre claramente o fator da separação social de forma hierárquica, sendo esta uma divisão por classes e cargos, também baseada no capital.

Paulo pratica a segregação, colocando-se como superior a Lúcia. Essas características do indivíduo estão presentes no texto de Roberto Da Matta, mostrando bem o “sabe com quem está falando?”. A segregação praticada pela personagem pode ser também considerada como um caso de preconceito.

c) Aluna 03: Camila Pimentel

O livro de Alencar mostra uma sociedade nada idealizada, movida por interesses financeiros e status social. O texto de Da Matta se relaciona muito com as personagens Sá e Lúcia. Sá é um homem rico, que mora em uma mansão e pensa que “pode tudo” em cima das outras pessoas. Ele humilha Lúcia quando pede que ela imite as imagens pornográficas que ele tem na parede na frente de outros convidados. Sá fala: “... (...) mostrando-lhes estas pinturas, preparei uma agradável surpresa. É nada menos que o original delas; não o original frio e calmo, mas um verdadeiro modelo, vivendo, palpitando, sorrindo, esculpindo em carne todas as paixões (...)”, p. 42. E Lúcia aceita dizendo que é preciso pagar a conta da ceia. E Lúcia, por sua vez, também se acha superior, mais bonita em

relação às outras prostitutas, o que é muito parecido com a relação do “sabe com quem está falando?”.

4. O resultado da atividade

No que diz respeito à Sociologia, os educandos foram capazes de, na sua maioria, ficarem acima do que se esperava, apesar das diversas reclamações relacionadas à complexidade do texto, conforme mostra a observação do grupo VI: “Graças ao estilo complexo de Da Matta, os pontos apresentados aqui podem divergir em interpretações, variando de acordo com o real objetivo abordado por cada leitor”. Os grupos mergulharam na questão e procuraram entender o ponto de vista do autor, misturando-o com as suas reflexões. Deste modo, apesar de termos um texto acadêmico e outro literário como Lucíola, os alunos deram conta de construir diálogos que estivessem coerentes com a realidade. Esse é o principal destaque na atividade proposta.

Por outro lado, temos a problemática de que a realidade social brasileira apresenta ainda aspectos seculares só que diz respeito à construção da cidadania. Continuaremos parafraseando José Murilo de Carvalho(2001), quando diz que a cidadania no Brasil é um longo caminho a percorrer. Nesse sentido, o resultado do trabalho aponta para o fato de que essas atividades podem ajudar na sala de aula a provocar reflexões, baseadas em textos, que estejam de fato próximos da realidade, mesmo considerando a distância temporal. Podemos desta forma, contribuir para melhores resultados dos educadores no que diz respeito a refletir suas práticas futuras como cidadãos dentro da realidade social brasileira.

No quesito “trabalho integrado”, contudo, esperamos que os educandos se acostumem com a prática da integração, realizando com mais facilidade as conexões entre textos e realidades. Esperamos que sejam capazes de fazer uma análise mais complexa das duas obras e trazer à tona as semelhanças e as diferenças entre elas. Acreditamos que ao promovermos mais encontros com esses educandos, um melhor resultado surgirá. O Currículo Mínimo do 2º ano determina que os educandos apreendam a técnica do resumo, da resenha e o desenvolvimento do texto argumentativo para o auxílio de uma melhor elaboração do texto escrito.

5. Considerações finais

Podemos entender que educação e cidadania no Brasil são questões muito novas que estão sendo tratadas, agora em conjunto. Percebemos que muito ainda há de ser feito para chegarmos à escola que queremos, onde nossos educandos serão aqueles que lutarão pela igualdade em sociedade e não pela distinção, marcada por relações hierárquicas, econômicas, políticas ou culturais. Nesse sentido, nossa compreensão a partir desta atividade é que se faz necessário, no ambiente escolar, provocar os alunos para que eles possam refletir a partir do olhar deles sobre a realidade na qual estão inseridos. Esperamos que desse modo as práticas dos indivíduos em sociedade, por eles, sejam questionadas e ressignificadas, para que possamos ter um futuro diferente sem referências que neutralizam o crescimento de grande parte de indivíduos de uma sociedade.

Valorizar conhecimentos que antecedem a escola, isto é, conhecimentos que os próprios indivíduos são capazes de construir ao longo do tempo de suas histórias é uma das marcas da educação que visa ao futuro e progresso de qualquer sociedade. Desconstruir o mito de que o educador e a escola em si são detentores da verdade pode ajudar na construção de sujeitos melhores. No Brasil, precisamos em vários casos, resgatar essa prática junto à escola e aos educadores e em outros casos, precisamos resgatar naqueles que um dia foram fiéis a tais convicções. A troca e o reconhecimento da diversidade de universos possíveis em cada vivência humana auxilia no crescimento entre os grupos. Neste sentido, a prática da reciprocidade derruba barreiras e promove novos encontros. Esse foi o nosso caminho trilhado até aqui apesar das problemáticas graves na área de educação que precisam ser resolvidas, para o bem de todos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALENCAR, José de. *Lucíola*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1994.
- CANDIDO, Antônio. *O romantismo no Brasil*. São Paulo: Humanitas FFLCH / SP, 2004.
- CARVALHO, José Murilo. *Cidadania no Brasil longo caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- DA MATTA, Roberto. *Carnavais malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 49. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

KOCH, Villaça Ingedore; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A coerência textual*. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. *Novas tendências em análise do discurso*. 3. ed. Campinas: Unicamp, 1997.

RICUPERO, Bernardo. *O romantismo e a ideia de nação no Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SANTOS, Wanderley Guilherme. *As razões da desordem*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

SAVIANNI, Demerval; FREIRE, Paulo. *Escola e democracia*. São Paulo: Cortez, 2004.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. *Leitura literária & outras leituras: impasses e alternativas no trabalho do professor*. Belo Horizonte: RHJ, 2009.